

Breve Comentário ao Documento do “Bufo” da PIDE–DGS, de 1971, na FC-UL (Ciências)

Vi este documento da PIDE apenas a 12 de Setembro de 2017, cortesia de um amigo desses tempos, também citado nele. Vale a pena ler, porque é revelador... e divertido.

Atrevo-me a três comentários sobre o conteúdo, a quem o leu (quem não o leu, aconselho a ler o documento primeiro, antes destes comentários):

1) "... ninguém o ousava interromper"... Claro que “ousavam interromper”, embora na altura não fosse hábito em Ciências (AEFCL) interromper intervenções de ninguém nas Assembleias estudantis, a não ser com palmas. Mais interessante é que, depois do 25 de Abril, não só não faltou quem me “interrompesse”, como até quem, na esquerda, me quis calar. A diferença talvez estivesse em que, antes do 25 de Abril, não havia assim tanta gente desejosa de se expôr e intervir em público, provocando a ira da ditadura

... e por boas razões: paguei pelo “Privilégio” 3 mandatos de captura (um dos quais renovado até ao 25 de Abril) que me obrigaram a mais de dois anos de clandestinidade; ser expulso por 2 anos de todas as Universidades; ser incorporado compulsivamente na tropa (que recusei, dando origem a outro mandato de captura), etc.

2) O mais divertido: a denuncia, que eu (e outros dirigentes de Ciências), “nunca” estávamos “na faculdade” e até saíamos “de Lisboa”, sempre que havia “confusão” - leia-se, entrada da policia fascista para nos prender. Para além da inexactidão da generalização (recordo-me de liderar o confronto violento com os “Gorilas”/mercenários trazidos para dentro da Faculdade para impedir reuniões; a pancadaria com os legionários fura-greves, etc), gosto imenso da frustração implícita - então não é que não ficávamos quietos, para a policia nos prender? Que vergonha ! Foi de facto uma das coisas que me orgulho, o termos conseguido muitas vezes iludir as ofensivas da ditadura, e voltarmos teimosamente ao ataque, na Faculdade. a seguir, uma vez e outra, na melhor das tradições da guerrilha...

3) Aquilo de que tenho mais orgulho, contudo, é a total inexactidão da previsão (feita claramente para aconselhar a minha prisão) de que, se eu desaparecesse, “tudo se desmoronava” no Movimento, na “subversão”. Foi talvez verdade com alguns líderes do Movimento Estudantil, com grandes egos, mas nós em Ciências (AEFCL) sempre estimulámos a auto-suficiência e formávamos pro-activamente quadros jovens no Movimento Estudantil (um ótimo exemplo eram os “improp de curso”, jornais estudantis locais, apoiados pela Associação mas inteiramente autónomos), e a prova está feita - eu tive mesmo de “desaparecer”, e nada se desmoronou, pelo contrário.

Em resumo: os puros delírios sobre o meu “poder”, etc., além de subestimarem outros meus camaradas, p.ex. a Gloria (primeira mulher Presidente de uma AE), revelam quando me identificaram como um alvo central a abater. E de facto a repressão sobre mim agravou-se seriamente, a partir desta data, obrigando-me a passar á clandestinidade. Desta, não perdoo ao fascismo sobretudo a terrível angustia que trouxe a meus Pais.

Pedro Ferraz de Abreu

15 de Setembro 2017